

Matzeivás na Amazônia: a história do primeiro cemitério israelita de Macapá¹

Matzeivás in the Amazônia: the history of the first Israeli cemetery of Macapá

Tiago Vargês da Silva²

Marcos Vinícius de Freitas Reis³

Fernando Rodrigo Nascimento dos Santos⁴

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar, a partir do campo dos estudos cemiteriais, o processo histórico que possibilitou a criação, no início do século XX, do primeiro Cemitério Israelita de Macapá, concomitantemente à estruturação da Comunidade Israelita do Amapá, abordando, entre outros temas, os ritos que envolvem o funeral, o luto judaico e a sua relação com o cemitério. Essa necrópole é um marco da imigração judaica no Amapá. Localizada atualmente no centro da cidade, ela simboliza a influência política e econômica dessa comunidade na sociedade amapaense. Em suas lápides, estão registrados os nomes dos pioneiros que ajudaram a construir o Estado, oferecendo, assim, dados importantes para a história da imigração judaica na região. Dessa maneira, propomos analisar a constituição histórica e formal desse espaço e as suas relações com os ritos funerários presentes na tradição religiosa dessa comunidade.

Palavras-chave: Amazônia. Judaísmo. Ritos fúnebres. Cemitério Israelita de Macapá.

Abstract: This article aims to present, from the field of cemeterial studies, the historical process that enabled the creation, at the beginning of the 20th century, of the first Israeli Cemetery of Macapá, concomitantly with the structuring of the Israeli Community of Amapá, addressing, among other topics, the rites involved in the funeral, Jewish mourning, and its relationship with the cemetery. This necropolis is a landmark of Jewish immigration in Amapá, and its location, currently in the center of the city, constitutes a symbol of political and economic influence in Amapá society, on whose tombstones are recorded the names of the pioneers of this community and, consequently, offer important data on the history of Jewish immigration in Amapá. In this way, we propose to analyze the historical and formal constitution of this space and its relations with the funerary rites present in the religious tradition of this community.

Keywords: Amazon. Judaism. Funeral rites. Israeli Cemetery of Macapá.

Introdução

Os estudos das relações humanas diante da morte e do morrer incidiram na abertura de um novo campo de estudo: os estudos cemiteriais. Tomando o cemitério e os costumes fúnebres como objetos de pesquisa, novos conhecimentos têm surgido e contribuído para melhor compreensão da nossa finitude, como bem disse Catroga: “[...] todo e qualquer cemitério [...] deve ser visto

¹ Este artigo foi recebido em 31 de agosto de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 04 de maio de 2025.

² Doutor. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: tiagovargês@gmail.com

³ Doutorado em Sociologia. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: marcosvinicius5@yahoo.com.br

⁴ Doutor em educação. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: f.rodriigo_18@hotmail.com

como um lugar de reprodução simbólica do universo social e das suas expectativas metafísicas” (CATROGA, 1999, p. 13). O cemitério é um espaço privilegiado onde são registradas memórias individuais e coletivas.

A etimologia da palavra cemitério, segundo Borges (2017), vem do grego *koimetérion*, que significa “eu durmo”, e do latim *coemeterium*, “lugar onde se dormia”. A historiografia que aborda a temática dos estudos cemiteriais foi introduzida a partir dos Annales, mas, especificamente, na segunda metade do século XX, trabalhos de Ariès (1977) e Vovelle (1987) foram fundamentais na abordagem do tema. No entanto, no Brasil, o pioneirismo da temática vem da História da Arte, com o trabalho *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*, publicado em 1972 por Clarival do Prado Valladares. Nas décadas seguintes, as pesquisas de Bellomos (1988) e Borges (1991; 2017) contribuíram significativamente para consolidar o campo dos estudos cemiteriais no Brasil. No que diz respeito aos estudos sobre cemitérios israelitas no Brasil, os trabalhos dos pesquisadores Egon e Frieda Wolff (1976; 1983) foram pioneiros em abordar a temática.

Os judeus possuem ritos e tradições fúnebres próprios que vêm sendo preservados, ao longo de sua história, como forma de manter viva a sua identidade diante da diáspora. O cemitério é o espaço que sintetiza e concretiza esse desejo de preservação e manutenção de sua identidade. Mesmo com todo esforço para preservar tais costumes, essas práticas fúnebres, em algum momento, sofreram influência da cultura dos locais em que se instalaram, como é o caso dos judeus que imigraram para Macapá.

Propomos, neste texto, apresentar os processos históricos que possibilitaram a criação do primeiro Cemitério Israelita do Amapá. Para tanto, o espaço cemiterial constitui não só objeto, mas também fonte principal desta proposta, como suas *matzeivás* [lápides] e infraestrutura, construída a partir das necessidades exigidas pelos ritos fúnebres israelitas. Para além do espaço, a oralidade constitui fonte fundamental para a proposta em tela, vez que, diante da escassez de informações sobre essa necrópole, recorreremos às fontes orais. Foram realizadas entrevistas com dois integrantes do Comitê Israelita de Macapá: o Sr. Samuel Hilel Benchaya (entrevista pessoal, 11 de abril de 2018), atual presidente dessa instituição, e o Sr. Yussef Queiroz (entrevista pessoal, 12 de abril de 2018), um dos seus membros fundadores.

O ritual de luto na Comunidade Israelita do Amapá

No judaísmo, a morte é vista como passagem para outra dimensão, assim como na cultura cristã, “[...] a transposição ao eterno sofrimento e expiação (inferno), ou o acesso ao eterno gozo, reservado aos bem-aventurados (o paraíso)” (CAPUTO, 2008, p. 75). Porém, é importante salientar que os rituais fúnebres judaicos sofreram alterações ao longo dos tempos e variam de acordo com o local em que são realizados, provavelmente por conta do seu contato com outras culturas (VALADARES; FAIGUENBOIM; ANDREAS, 2009). Entretanto, mesmo sofrendo influências de costumes de outros povos, os ritos fúnebres judaicos sempre buscaram preservar uma estrutura que remonta aos primórdios da sua história enquanto civilização.

No caso do Amapá, por fazer parte da Amazônia, esses ritos estão ligados, mais intensamente, à cultura sefardita do norte da África, pois a maioria dos judeus que aqui chegaram é proveniente dessa região, mais especificamente do Marrocos. Segundo Benchimol (1998), a imigração judaica para a Amazônia se constitui substancialmente de judeus sefarditas, pois são esses que vieram em grande número para a Amazônia, e essa é a origem da maioria dos judeus que chegaram ao Amapá. Muitos desses judeus são descendentes de judeus sefarditas que viviam na Península Ibérica antes de serem expulsos para o Marrocos entre 1492 e 1496.

Sefardita – Provém de Sfard, palavra hebraica atribuída à Espanha. É o nome designado aos judeus da Península Ibérica e seus descendentes que se distribuíram em outros países, notadamente na Turquia, Grécia, Bulgária, Marrocos, Argélia (e daí para a França), etc. Também chamado de sefardita, sefaradi, sefardi ou sfaradi. Como o plural em hebraico é formado pelo sufixo *-im*, o plural de *sfaradi* é *sefaradim* (RIBEMBOIM, 2005, p. 65).

A chegada dos judeus ao Amapá é parte do intenso processo de imigração para a Amazônia, principalmente para a cidade de Belém, nos anos de 1810 a 1910 (BENCHIMOL, 1998). Nessa época, o Amapá fazia parte do Pará. A região amazônica recebeu, nesse período, um número elevado de judeus que foram, em sua maioria, para as duas grandes cidades amazônicas, Belém e Manaus, para posteriormente adentrarem ao interior.

Na tradição judaica, os mortos devem ser enterrados em lugares previamente preparados para esse fim, e apenas para os judeus. A preocupação dos judeus com os ritos fúnebres os levou a criar uma organização responsável pela manutenção dos ritos funerários, denominada Chevra Kadisha. Segundo Valadares, Faiguenboim e Andreas (2009), a Chevra Kadisha, que significa irmandade sagrada, é uma sociedade fúnebre criada com o propósito de cuidar dos mortos,

seguindo a tradição e a lei judaica. O surgimento das primeiras irmandades sagradas data do século XIV na Espanha e Alemanha, com o propósito inicial de cuidar dos próprios membros. Entretanto, no século XVI, as irmandades passaram a ter caráter comunitário, como ainda ocorre hoje.

Em entrevista, Samuel Benchaya conta que, em Macapá, a Chevra Kadisha é composta pelos próprios membros da comunidade judaica. Segundo ele, para o judeu, é uma grande honra e um ato de caridade fazer parte dessa irmandade. As mulheres fazem a preparação do corpo feminino enquanto os homens fazem a preparação do corpo masculino. Benchaya conta que participou duas vezes de preparações do corpo para o sepultamento em Macapá. Ele afirmou:

Eu me lembro do último corpo que eu participei preparando, foi do Salomão Alcolumbre. E antes do Salomão Alcolumbre apareceu um judeu aqui, que ele está enterrado lá também, Jacó não sei das quantas, um holandês. ‘Olha, tem um judeu ali morrendo’, nós fomos lá. Então nós fizemos ao Jacó igualzinho que foi feito para o Salomão, tudo direitinho: a lavagem do corpo, a preparação, as rezas, a mortalha, tudo igualzinho (BENCHAYA, 2018).

A lavagem do corpo é realizada pelos membros da Chevra Kadisha. Segundo Valadares, Faiguenboim e Andreas (2009), o corpo deve ser levado para a Tahará, uma casa ou espaço dentro do cemitério onde ocorrem os rituais fúnebres, ser limpo pelos *mitasskim* (membros da Chevra Kadisha) por meio da *rehitsá* (higiene e purificação religiosa), com uma oração para reflexão do ato e amenização da angústia dos presentes.

Samuel Benchaya (2018) explica na sua entrevista como ocorre o procedimento de lavagem e preparação de um corpo para sepultamento: “[...] bota o corpo [sobre uma mesa] para a lavagem e purificação sem olhar o rosto, bota um pano no rosto, aí lava tudo lá, se tem anel tira, se tem dente de ouro arranca, se tem tatuagem tira, porque é o princípio que ‘tu vieste do pó e para o pó retornarás’.”

Em Macapá, segundo Benchaya, a comunidade israelita ainda não possui uma Tahará; entretanto, os procedimentos para a construção desta infraestrutura já estão em andamento. Diante da ausência da Tahará, os procedimentos dos ritos fúnebres são feitos em outro local. “A finalidade de lavar o morto é a preparação para a ressurreição, parte da doutrina judaica” (VALADARES et al., 2009, p. 19). Após a lavagem, o corpo é colocado em uma mortalha branca, segundo Benchaya (2018), feita de um tecido de qualidade inferior, o *morim*, como é chamado em Macapá. O corpo deve ser velado e enterrado rapidamente, para não haver desrespeito com o morto.

Após a lavagem do corpo, um membro da Chevra Kadisha faz um corte na camisa, blusa ou paletó dos parentes do enlutado, que em seguida rasgam a roupa. Valadares, Faiguenboim e Andreas (2009) explicam que esse procedimento deve ser feito antes do sepultamento e recebe o nome de *Keriá*. De acordo com Samuel Benchaya, é feito um flagelamento, com um corte na camisa ou blusa da família do enlutado, e os mesmos deverão usar aquela roupa durante uma semana.

Sobre o rito de sepultamento, Benchaya relata que as pessoas não são enterradas dentro do caixão, que este serve apenas para o velório e transporte do morto, e que, após o enterro, costuma-se queimar o caixão. Por conta das leis sanitárias, é feito uma espécie de forro em madeira na parte superior, inferior e nas laterais, onde o corpo é posto.

Durante o percurso rumo à sepultura, é rezado o Salmo 91 (*Yoshev Besseter*). Também é feito um discurso em honra à pessoa que está sendo sepultada. Os cemitérios devem contar com uma torneira, para que todos, antes de saírem, lavem suas mãos e saiam sem secá-las. “Acompanhar um funeral é considerado uma *mitzvá* (boa ação), pois é um ato de bondade que não pode ser retribuído (*Chessed Shel Emet*)” (VALADARES et al., 2009, p. 17).

Segundo Benchaya, após o sepultamento, seguem-se outros ritos como: luto de sete dias, ao chegar em casa a família do enlutado deve jogar todos os recipientes contendo água na rua; deve-se comer um ovo cozido com um pouco de cinza no lugar do sal; deve-se cobrir os espelhos; os familiares não podem andar sozinhos; o homem não pode cortar a barba, e no sétimo dia há o *mishmarah*, uma espécie de culto.

Na *mishmarah* do sétimo dia, também não é tristeza, também não chega a ser tão quanto o outro [...]. É festivo, como, você toma cafezinho, você come pedacinhos de peixe frito, azeitona preta e um pão, que a gente manda fazer na padaria e vem com aqueles grãosinhos em cima, tipo aqueles de hambúrguer, só que não é de hambúrguer, ele é tipo uma rosca, ele é maciozinho, outros colocam até tâmaras também, popular no Marrocos (BENCHAYA, 2018).

Segundo Valadares, Faiguenboim e Andreas (2009), o ciclo termina quando é colocada uma matzeivá (lápide) sobre a sepultura. A mesma deve conter: nome completo, nome religioso, local e data de nascimento e local e data de falecimento. As matzeivás, na maioria das vezes, possuem inscrições em linguagem local e em hebraico. Também podem ser colocadas inscrições na linguagem de origem do morto; algumas matzeivás possuem símbolos que podem identificar suas castas (Cohen ou Levy), profissão e natureza da morte.

A estrela de seis pontas (*Magen David*) se tornou um signo de identidade judaica. Os judeus sefarditas do norte da África mantiveram a simplicidade de suas matzeivás horizontais, enquanto os sefarditas da Itália, Holanda e Caribe optaram por matzeivás mais requintadas. Os ashkenazim também produziram matzeivás mais sofisticadas. Entretanto, nos dias atuais, os judeus ortodoxos têm recomendado que se retorne à simplicidade (VALADARES et al., 2009).

Dentre os ritos fúnebres judaicos há regras e exceções. Uma das exceções diz respeito ao tempo em que o morto deve ser sepultado. Recomenda-se que o sepultamento seja realizado o mais rápido possível para evitar desrespeito ao falecido. Porém, nos dias de Shabat (sábado) e Yom Kippur (Dia do Perdão), os enterros são proibidos. Então, deve-se esperar esses dias passarem para poder fazer o sepultamento. Sobre as recomendações, Valadares explica:

Em geral, há áreas reservadas para rabinos e membros proeminentes da comunidade. Apóstatas, judeus batizados, criminosos e suicidas são enterrados em setores separados ou nos cantos. Dois inimigos não devem ser enterrados ao lado um do outro. Pecadores podem eventualmente ser enterrados junto dos familiares, pois a morte redimiu seus pecados (VALADARES et al., 2009, p. 15-16).

Existem algumas restrições, inclusive de comportamento, dentro do cemitério judeu, como apontam Valadares, Faiguenboim e Andreas (2009): as crianças não podem ir ao enterro dos pais, não podem fazer nenhuma refeição no local, animais não podem pastar dentro dos cemitérios, não se pode armazenar produtos nas sepulturas, e também é proibido ler a Torá entre os túmulos. Diferentemente do catolicismo, em que se levam flores quando se visita uma sepultura, na tradição judaica deve-se colocar uma pedrinha sobre a mesma, como sinal de respeito e homenagem ao morto.

Ao chegar na Amazônia, os judeus se espalharam pelas cidades e interiores e, muitas vezes, se afastaram das tradições judaicas. Porém, no dia de sua morte, eles relembram sua condição e fazem questão de serem enterrados em cemitérios israelitas. A essas pessoas Benchimol (1998) chama de *mearaísta* (*Mearáh*, em háquitia, quer dizer cemitério). É indiscutível a importância deste espaço na cultura judaica, pois, mesmo com inúmeras dificuldades, os judeus preservaram seus rituais funerários e construíram seus cemitérios como forma de perpetuar o sentimento de pertencimento à sua tradição.

O Cemitério Israelita de Macapá e as origens históricas

Os judeus, por muitos séculos, carregam a tradição do cuidado com seus mortos, a sepultura e, conseqüentemente, o cemitério ocupa uma posição muito importante no âmbito da vida religiosa, social e cultural. As origens destes espaços remontam a uma passagem relativa ao sepultamento de Sara, esposa de Abraão, descrito no livro de Gênesis, capítulo 23, como explicam Cytrynowicz & Mussatti (2008, p. 39):

A referência ao sepultamento já se encontra na Torá, o Pentateuco. O primeiro personagem da história bíblica a ser sepultado foi Sara, mulher de Abraão (Gênesis 23,4). Ele adquiriu uma propriedade e enterrou-a numa caverna (em cavidade natural e não enterrada no solo, que se tornou costume posteriormente). Abraão pediu para ser sepultado junto de Sara.

Esse episódio é fundamental nas tradições funerárias, não só no judaísmo, mas também na concepção de sepultura e, posteriormente, dos cemitérios cristãos, como afirma Lauwers (2015, p. 272): “[...] quando comprou a gruta dupla de Hebron, o Pai Abraão sabia que seria acolhido na unidade da fé. O túmulo fundado por Abraão, portanto, é uma prefiguração do cemitério cristão e até mesmo da Igreja em seu conjunto”. Surge a preocupação de se manter o cuidado e a unidade dos integrantes da família. Pensamento este que contribuiu para a concepção cristã dos sepultamentos dentro das igrejas, conhecidos como sepultamentos *ad sanctos*.

O desejo dos judeus em ter os seus próprios cemitérios se dá pela vontade de fazer as suas orações em coletividade, em memória dos seus antepassados, e reforçar os vínculos comunitários. “Isso muito contribuiu para reforçar a necessidade de enterrar os seus mortos num mesmo lugar, a fim de que, mesmo após o falecimento, permanecessem juntos [...]” (BENCHIMOL, 1998, p. 188). No entanto, a perseguição histórica aos judeus também foi um elemento decisivo para a edificação dos seus próprios cemitérios. Mesmo com as proibições de professarem a sua fé e, portanto, construírem os seus cemitérios, perdurando até o século XIX, no Brasil o primeiro Cemitério Israelita (RIBEMBOIM, 2005), que data do século XVII, foi construído no Recife durante a ocupação holandesa, que durou de 1630 a 1654, sendo também o primeiro cemitério israelita do continente americano, sobre o qual sabemos muito pouco, pois não existe mais, e as fontes são escassas.

Egon e Frieda Wolff (1976; 1983) foram os responsáveis pelos primeiros levantamentos de sepulturas em cemitérios públicos e israelitas no Brasil. Esses pesquisadores percorreram

cemitérios em várias regiões do país com o intuito de encontrar e catalogar sepulturas e cemitérios israelitas. Segundo os autores, “os cemitérios públicos representam uma fonte inestimável para a pesquisa sobre a presença israelita no Brasil, visto que os cemitérios judaicos foram estabelecidos somente por volta de 1920, com exceção de alguns poucos no extremo Norte e Sul do país” (WOLFF, 1983, p. 7). Entre eles, o Cemitério Israelita de Macapá.

De acordo com Benchimol (1988), há quatorze cemitérios judeus espalhados pela Amazônia brasileira e, na maioria das comunidades, estes cemitérios foram construídos antes das sinagogas, constituindo assim um sentimento de pertencimento à região. “Na vida judaica, a construção de um cemitério significa sinal de permanente estabelecimento” (LEVY, 2008, p. 142).

O Pará teve o seu primeiro Cemitério Israelita inaugurado em 1842, em Belém, sendo também um dos primeiros do Brasil e o pioneiro da Região Norte do país. Manaus conta com um cemitério judeu anexo ao Cemitério Municipal São João Batista ⁵, fundado em 1928 (BENCHIMOL, 1928). A maioria dos cemitérios israelitas do Norte segue as tradições dos sefarditas. As sepulturas são simples, a maioria é feita em mármore branco e possui a matzeivá com economia de símbolos, sendo a *Magen David* o elemento iconográfico mais utilizado.

O primeiro Cemitério Israelita do Amapá⁶ surge concomitante ao primeiro cemitério público do estado, o Cemitério Nossa Senhora da Conceição. A necrópole israelita surgiu, a priori, como quadra anexa ao cemitério municipal. Essa característica de cemitério anexo está presente nos primeiros cemitérios públicos da Região Amazônica. Esse modelo de cemitério para os judeus surgiu na Península Ibérica como uma solução diante da necessidade dos sepultamentos judeus, mantendo, ao mesmo tempo, a segregação dos cristãos. Estes cemitérios são comuns e podem ser encontrados em todas as regiões que receberam judeus, sobretudo os de origem sefardita, entre os séculos XIX e início do século XX, especialmente nas ex-colônias espanholas e portuguesas.

A inauguração do Cemitério Nossa Senhora da Conceição ocorreu em 1948, realizada pelo prefeito Serra e Silva. Antes da inauguração desta necrópole, o Major Eliezer Levy concluiu a construção da Capela do Cemitério em 1932, durante sua gestão como intendente da cidade. Não

⁵ De acordo com Cupper (2009), o Cemitério Municipal São João Batista, fundado em 1891, foi o primeiro público do Estado do Amazonas.

⁶ Atualmente a Comunidade Israelita do Amapá, possui três cemitérios, além deste, que é objeto do presente artigo, o segundo encontra-se anexo ao Cemitério Municipal São José, na Zona Sul e o terceiro, em fase de construção, anexo ao Cemitério Municipal São Francisco de Assis, na Zona Norte de Macapá.

há documentação que aponte para a data do início da construção do cemitério, porém aquele local já era usado para enterramentos antes da sua inauguração oficial. Falbel (2008) destaca a atuação do Major Eliezer Levy como intendente de Macapá e depois como prefeito, responsável por obras importantes na cidade. Ele era de descendência judaica e teve importante atuação na criação do Estado de Israel.



Figura 1: Placa em homenagem ao Major Eliezer Levi.
Capela de São José, Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição

A nós resta saber quem começou a construção do cemitério, mas não há documentos que apontem quem iniciou a obra. Há indícios importantes que indicam Eliezer Levy como o responsável pelo início das obras de benfeitorias estruturais do Cemitério Nossa Senhora da Conceição, como a construção da capela, em 1932, e, possivelmente, das obras de cercamento do perímetro do cemitério, inclusive com uma fachada em estilo bastante utilizado em cemitérios judeus, e a própria quadra que deu origem ao Cemitério Israelita. No entanto, somente em 1948 é que o Cemitério Nossa Senhora da Conceição foi oficialmente inaugurado.

No levantamento realizado pelos pesquisadores Wolff (1983), entre os anos de 1973 e 1982, foi identificada uma matzeivá datada de 1897, pertencente a Anania Cohen. Registraram também outras 10 matzeivás contendo informações legíveis e outras 8 ilegíveis. Tudo indica que a sepultura de Anania Cohen pode ser a mais antiga do cemitério.

Eles não citam o Cemitério Israelita como anexo ao Nossa Senhora da Conceição. Porém, a administração do cemitério municipal possui os livros de registros de óbito, que datam de 1950 a 2018. Ao analisar o livro de registros, procurando informações sobre as inumações judaicas,

observou-se que, no espaço em que se anota a quadra onde a pessoa está sepultada, no caso dos judeus, consta apenas um traço, e na certidão de óbito, que também se encontra na administração do cemitério, está escrito com caneta as palavras “quadra dos judeus”.

Em entrevista acerca da fundação do cemitério judeu no Amapá, o senhor Queiroz Yussef informou que o espaço do atual cemitério foi, desde o início, reservado aos judeus, mas sem as benfeitorias como muro e portão. Havia um cemitério lá, em data anterior à inauguração do Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição; entretanto, desconhece-se uma data precisa de quando os sepultamentos começaram a ser realizados.

Então eu estou só aqui buscando dar a você esses subsídios para entender que aquela área certamente foi criada junto com a nova área destinada ao cemitério cristão. Foi destinada aquela pequena área, tanto é que fica de esquina, na última parte lá da esquina, na frente, mas lá no canto, lá na esquina. E não é uma área muito grande, é a quadra dos judeus (QUEIROZ, 2018).

Segundo Queiroz (2018), havia um espaço anterior ao atual para enterramentos judaicos na região onde hoje está construída a Catedral de Macapá. Porém, com a designação de um novo espaço para enterramentos, os judeus tiveram que abandonar aquele local e transladar os restos mortais de alguns judeus ali enterrados. O senhor Queiroz salienta: “não posso firmar para você, eu não posso bater o martelo e dizer essa é a verdade absoluta.”

No entanto, Benchimol (1998) cita que, em Macapá, no fim do século XIX, já existia um cemitério israelita, o que reforça a hipótese levantada por Queiroz, em sua entrevista. Contudo, não apresenta detalhes de localização e infraestrutura, como muros e portões. Tais informações, embora não possam dar certeza sobre a data exata da fundação do Cemitério Israelita, ressaltam a contribuição que a comunidade judaica teve no processo de estruturação dos cemitérios como espaços oficiais de sepultamentos em Macapá. Seja por meio da influência das tradições religiosas, que exigiam espaços adequados, mas sobretudo pela influência política e econômica exercida na socialidade por judeus, como o intendente Major Eliezer Levy, responsável por diversas obras de infraestrutura, entre elas a edificação da capela e o início da construção dos muros do Cemitério Nossa Senhora da Conceição.

O Cemitério Israelita de Macapá ainda não possui um local para a realização da Tahará. A Tahará é o processo de purificação do morto e normalmente é realizada na *communal*, dentro do cemitério. Samuel Benchaya (2018), em sua entrevista, relatou o que ele caracterizou como uma “vitória para a comunidade judaica: a autorização de um portão próprio para o cemitério judaico

em 2013”. Segundo Benchaya, o objetivo é conseguir a autorização para construir uma Tahará no Cemitério Israelita, anexa ao Cemitério Municipal São José, pois o acordo que foi feito é apenas para a realização de enterramentos.

Cemitério e seus túmulos

Contíguo ao Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição, o primeiro Cemitério Israelita de Macapá está localizado no centro da capital, atrás da Catedral São José de Macapá. A entrada principal é pela rua Major Eliezer Levy. A necrópole é cercada por um muro branco, cuja parte frontal possui um muro baixo completado por uma grade de cor escura, sendo possível aos transeuntes avistar seu interior. Ambos são os cemitérios mais antigos da cidade, onde estão sepultados alguns personagens conhecidos da história do Amapá.



Figura 2: Portão de entrada do Cemitério Israelita de Macapá, 2017.
Fonte: Acervo pessoal dos autores

Os dois portões do Cemitério Israelita situam-se do lado direito da entrada do Cemitério Nossa Senhora da Conceição. Eles são pretos, com a base inferior constituída por uma chapa escura contendo duas Magen David, uma em cada lado, e a parte superior composta por uma grade que, ao centro, possui um letreiro de cor mais clara com a inscrição “Cemitério Israelita”. A área mede 17,30 metros na horizontal e 18,30 metros na vertical. Há um muro baixo que delimita a área do

Cemitério Israelita do restante do Cemitério Nossa Senhora da Conceição, e um pequeno portão secundário na lateral liga um cemitério ao outro.



Figura 2: Vista do interior do Cemitério Israelita de Macapá, 2017.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

O cemitério possui 29 túmulos, o que o diferencia bastante do Cemitério Nossa Senhora da Conceição, como pode ser observado na planta baixa (figura 3). Desses, 21 possuem lápide e 8 não possuem. Três túmulos são revestidos em mármore, enquanto 10 possuem revestimento de cerâmica, 12 não possuem revestimento, e quatro lápides estão colocadas diretamente no chão. Os judeus têm o costume de colocar seu nome em língua hebraica e uma frase em suas lápides. No conjunto de lápides do Cemitério Israelita de Macapá, 18 possuem inscrições em hebraico; algumas possuem apenas o nome, outras têm o epitáfio.

Nas lápides e nos túmulos não há esculturas ou fotos dos sepultados. O único símbolo presente é o Magen David, que pode ser encontrado em pelo menos nove sepulturas, sendo que, em outras quatro, não é possível identificar se há ou não o Magen David. Dos túmulos com inscrições legíveis, é possível identificar 15 homens e 6 mulheres, sendo que 8 túmulos estão sem identificação ou com identificação ilegível.



Figura 3: Sepultura de Isaac José Tobelem.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Ao adentrar o cemitério, nota-se que ainda há bastante espaço para futuras inumações. As extremidades possuem uma calçada que torna possível caminhar até as sepulturas sem pisar na piçarra. O cemitério possui quatro fileiras de sepulturas, como pode ser observado na planta baixa do cemitério (figura 3), que, por sua vez, apresenta os túmulos enumerados da direita para a esquerda.

Na primeira fileira estão três túmulos; um deles — o do centro — não está legível, e os outros dois possuem lápides legíveis, sendo um em mármore e o outro em concreto. O primeiro túmulo, da direita para a esquerda, pertence a Anania Cohen (nº 1); o falecimento data de 1897, sendo essa sepultura a segunda mais antiga, e sua lápide está colocada diretamente no chão, sem a base comum aos demais túmulos. O segundo túmulo (nº 2) é construído em concreto, assim como a maioria dos túmulos; não possui lápide, e a deterioração causada pelo tempo impossibilita a leitura das informações contidas nela. O terceiro túmulo pertence a Salomão Alcolumbre (nº 3). Ele é todo revestido em mármore branco, com um epitáfio — primeiro em hebraico e depois em português — elucidando suas qualidades e a saudade que deixou em sua família.

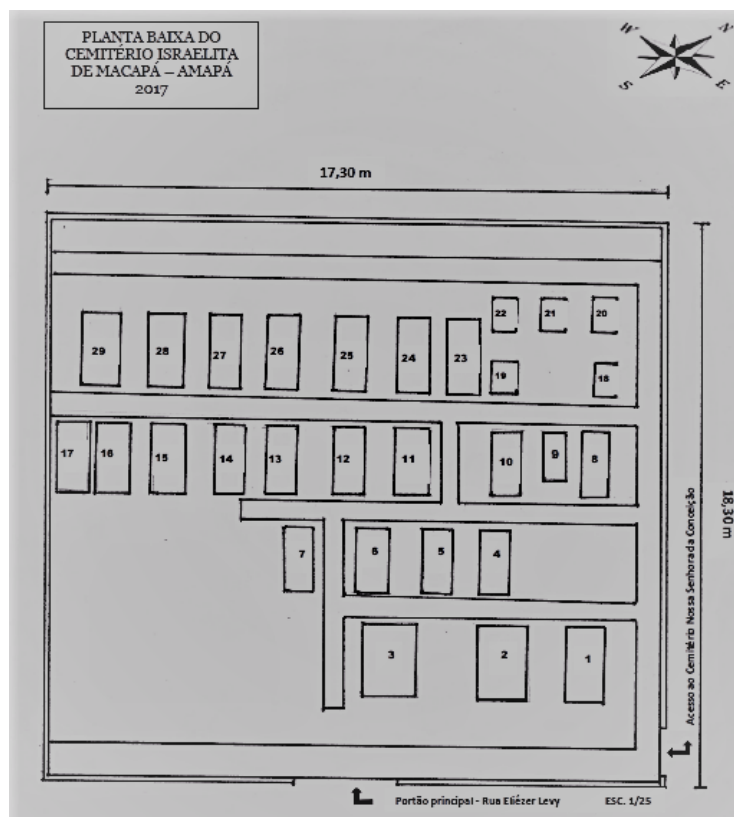


Figura 3: Planta Baixa do Cemitério Israelita de Macapá.
Elaborada pelos autores (2017)

A fileira seguinte possui quatro túmulos: no primeiro está sepultado Menahem Alcolumbre (nº 4), com túmulo e lápide em mármore branco. O segundo é de Jayme Barcessat (nº 5). O túmulo é revestido na parte inferior com cerâmica branca e na parte superior em concreto, contendo uma lápide em mármore com informações do sepultado. O terceiro túmulo pertence a Alberto Alcolumbre (nº 6) e é todo revestido em mármore branco, com uma lápide na parte superior. O quarto túmulo (nº 7) está todo em concreto e pintado de branco, não possuindo lápide nem informações acerca do sepultado.

A terceira fileira possui dez túmulos, que vão de uma extremidade à outra. O primeiro pertence a Isaac Peres (nº 8); este tem acabamento apenas em concreto e possui uma lápide em mármore que ocupa toda a parte superior da estrutura. O segundo é de Sarah Alcolumbre (nº 9), cuja base está revestida em cerâmica branca, e a parte superior é toda em mármore branco, com uma lápide. O quarto é de Alegria Peres Alcolumbre (nº 11). O túmulo é todo revestido em mármore branco, contendo uma lápide na parte superior. O quinto pertence a Abraham Peres (nº 12); tem base revestida em cerâmica branca e possui lápide em mármore na parte superior.

O sexto túmulo é de Simey Peres (nº 13). A base é revestida em cerâmica branca, com lápide em mármore na parte superior. O sétimo é de Esther Zagury Bemergui (nº 14), tendo acabamento em concreto tanto na base quanto na lápide. O oitavo é de Naftale Mair Bemergui (nº 15), constituído totalmente em concreto e com uma pequena lápide em mármore. O terceiro (nº 10), o nono (nº 16) e o décimo (nº 17) túmulos da terceira fileira são constituídos de concreto e sem revestimento, não possuindo lápides ou qualquer outra informação que possibilite a identificação dos inumados.

Por fim, a quarta e última fileira contém doze túmulos. Esta é a fileira que possui o maior número de túmulos infantis e, por isso, comporta a maior quantidade. Os cinco primeiros possuem tamanho menor que os outros túmulos, ficando dois em cima e três embaixo, sendo que quatro deles são de crianças. O primeiro é de Jane Alcolumbre (nº 18), com sua base revestida de cerâmica branca e coberta por uma lápide em mármore. O segundo (nº 19) não possui revestimento nem lápide, sendo construído totalmente em concreto e não sendo possível identificar o sepultado.

O terceiro túmulo é de Isaac José Tolobem (nº 20), com base revestida em cerâmica branca e uma lápide em mármore. O quarto túmulo é de Simão Gabay (nº 21); diferentemente dos anteriores, este possui uma lápide em mármore, disposta diretamente no chão. O quinto túmulo pertence a Abraham Sananiz (nº 22), sendo o mais antigo, com data de inumação no ano de 1895. A lápide é de mármore e também não possui base, estando diretamente disposta no chão. A mesma aparenta ter sofrido deterioração com o passar dos anos e está partida ao meio.

O sexto túmulo é de Elias Zagury (nº 23). Sua base não é revestida e possui uma lápide em mármore. O sétimo túmulo pertence a Jose Pazuello (nº 24), cuja lápide é em mármore e não possui base, estando disposta diretamente no chão. O oitavo pertence a Julia Peres Franco (nº 25). A base é revestida em cerâmica branca, e a parte superior é composta por mármore com lápide. O nono túmulo pertence a Abraham Zagury (nº 26). A base também está revestida em cerâmica branca e sua lápide é em mármore. O décimo primeiro túmulo pertence a Leão Bermegui (nº 28) e é todo feito em concreto, inclusive sua lápide. O décimo (nº 27) e o décimo segundo túmulos (nº 29) são construídos em concreto e não possuem lápides.

Os túmulos judaicos parecem seguir um padrão; poucos se destoam uns dos outros. Uma característica peculiar desses túmulos é que costumam ser altos e, na maioria das vezes, são revestidos de mármore ou azulejo. O movimento no interior do cemitério é bem menor, e os

poucos que o frequentam depositam pedrinhas em cima das sepulturas, seguindo a tradição ancestral. Ao sair, é possível notar uma pia e duas torneiras, pois, segundo a tradição fúnebre judaica, ao sair é necessário lavar as mãos e deixar o campo santo sem secá-las.

Embora o discurso seja sempre de um padrão de igualdade e simplicidade dentro da comunidade judaica, é perceptível a opulência dos túmulos de algumas famílias em relação à maioria do conjunto do cemitério. Os túmulos da família Alcolumbre, por exemplo, são construídos em mármore branco, com grandes epitáfios que se destacam também por estarem no centro do cemitério.

Considerações finais

Ao chegarem a uma nova região, os judeus buscaram se adaptar ao cotidiano local e, em muitos casos, ao longo da história, seja por terem sido forçados, seja como tática de sobrevivência, contornaram as adversidades e cultivaram suas tradições milenares. Os cemitérios são registros vivos desse processo histórico, que remonta aos tempos de Sara e Abraão. O primeiro Cemitério Israelita de Macapá faz parte dessa história e constitui, o que chamou Le Goff (1990, p. 547), de um “documento/monumento”. Esse espaço conta a história da comunidade judaica, mas também da própria história do Amapá.

Ao conhecer a história e a cultura judaica, é possível entender por que o cemitério ocupa importância central no fortalecimento do núcleo familiar e na unidade comunitária. Foram essas relações que os ajudaram a superar os momentos difíceis pelos quais se defrontaram ao chegarem à Amazônia e, conseqüentemente, a Macapá. Aqui estabelecidos, os judeus prosperaram economicamente, situação que lhes possibilitou ascender a posições relevantes na política, passando a usar, em alguns momentos, o prestígio e poder inerentes a essas condições para atender aos interesses da sua comunidade, como é o caso de Eliezer Levy.

Até o momento, não é possível delimitar uma data exata da fundação do primeiro cemitério judeu do Amapá, vez que os documentos são escassos e há poucos registros sobre os primeiros tempos dessa necrópole. São as matzeivás, em sua maioria em bom estado de conservação, registros importantes da história deste cemitério. O levantamento desse conjunto de lápides reafirma a importância dos judeus na história do Amapá, em particular de Macapá, em que foi possível

perceber como a história da cidade está entrelaçada à história dos judeus, que, em diversos momentos, foram protagonistas nos cenários econômicos e políticos da cidade.

Referências

- ARIÉS, Philippe. *Historia De La Muerte En Occidente*. Acantilado, Barcelona, 2000.
- BELLOMO, H. R. *A estuaria funerária de Porto Alegre (1900-1950)*. Porto Alegre. Tese de
- BENCHAYA, Samuel Hilel. *Entrevista concedida aos atores*. Macapá-AP, 11 de abril de 2018.
- BENCHAYA, Samuel Hilel. *Entrevista concedida aos autores em Macapá-AP*. 11 de abril de 2018.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia*. Editora Valer. Manaus; 1998
- BORGES, Maria Elizia. *Arte Funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art In Brazil (1890-1930): italian marble carver cra in Ribeirão Preto*. 2. ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2017.
- BORGES, Maria Elizia. *Arte tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República*. São Paulo, 1991. Tese (Doutoramento) - Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo.
- CAPUTO, Rodrigo Feliciano. *O Homem e suas representações sobre a Morte e o Morrer: um percurso histórico*. *Revista Saber Acadêmico*. São Paulo: vol. 6, p. 73-80, 2008.
- CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva, 1999.
- CUPPER, Maria Terezinha da Rosa. *Educação e cultura: leitura do cemitério de São João Batista - Manaus/AM*. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.
- CYTRYNOWICZ, Roney & MUSSATTI, Monica. *Associação Cemitério Israelita de São Paulo 85 anos*. São Paulo: Narrativa Um, 2008.
- FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. Humanitas, São Paulo; 2008
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p. 547.
- Mestrado. Departamento de História-PUC-RS, 1998.
- QUEIROZ, Yussef. *Entrevista concedida aos autores, em Macapá-AP*. 12 de abril de 2018.

QUEIROZ, Yussef. *Entrevista concedida aos autores*. Macapá-AP, 12 de abril de 2018.

REIS, João José Ferreira. *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEMBOIM, José Alexandre; MENEZES, José Luiz Mota. *O primeiro cemitério judeu das Américas: período da dominação holandesa em Pernambuco (1630- 1654)*. Recife: Bagaço, 2005.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. *Duas faces da morte: o corpo e a alma do cemitério, Nossa senhora da soledade, em Belém/PA*. Instituto do patrimônio histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Fernando Rodrigues. *História do Amapá*. 6ª ed. Valcon. Macapá, 2001

VALADARES, Paulo; FAIGUENBOIM, Guilherme & ANDREAS, Niels. *Os primeiros judeus de São Paulo: uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana*. São Paulo: Fraiha, 2009.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Departamento de Imprensa Nacional, 1972.

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginários na história: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX*. Tradução Maria Julia Goldwasser. Editora Ática, 1997

WOLFF, Egon e Frieda. *Breve histórico da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo*. Rio de Janeiro; 1989.

WOLFF, Egon e Frieda. *Sepulturas de Israelitas – II. Uma pesquisa em mais de trinta cemitérios não israelitas*. Rio de Janeiro; 1983.